

# JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA - BIOGRAFIA DE CLEOFE PERSON DE MATTOS - BIBLIOTECA NACIONAL - 1997

Resenha por André Cardoso

Mestre em Musicologia, Doutorando do  
Curso de Pós-Graduação da UNI-Rio,  
Professor de Regência e Prática de  
Orquestra da Escola de Música da UFRJ.

Existem diferenças fundamentais entre as chamadas artes plásticas e a arte da música. Enquanto uma obra de arte nos salta aos olhos dando-nos a exata medida de suas proporções, textura, densidade e colorido e é "eterna enquanto dure", uma obra musical precisa, para ter vida, ser sempre recriada, o que nos causará diferentes impressões e sensações, além de ser uma obra "nova" a cada execução, onde a participação do intérprete é decisiva.

Remetendo-nos aos tempos coloniais, temos em Antônio Francisco Lisboa (1738-1814), o "Aleijadinho" e em Valentim da Fonseca e Silva (1750-1813), o "Mestre Valentim", os mais celebrados artistas plásticos entre tantos que viveram e produziram no Brasil entre o final do século XVII e início do XIX. Para termos uma exata noção da obra desses artistas, basta-nos uma viagem a uma das cidades históricas de Minas Gerais ou uma volta pelo centro do Rio de Janeiro, onde a obra do Mestre Valentim pode ser apreciada em algumas Igrejas datadas do século XVIII ou em logradouros públicos, destacando-se o famoso chafariz da Praça Quinze.

Mas e a música da época da Colônia, aquela que era praticada nas Igrejas setecentistas onde estão as obras produzidas por "Aleijadinho" e Mestre Valentim? Que dela foi feito?

Se hoje muitos reconhecem esses artistas como os mais geniais representantes do barroco brasileiro, com certeza ignoram os nomes de Lobo de Mesquita, Parreira Neves, Castro Lobo ou José Maurício Nunes Garcia que, embora já filiados à estética do classicismo, foram os compositores contemporâneos dos dois mestres escultores. Esse desconhecimento deve-se primordialmente ao fato de as obras encontrarem-se, em sua grande maioria, na forma de manuscritos que não possibilitam sua execução pelos intérpretes, inviabilizando concertos e gravações e deixando o nome de seus autores praticamente no anonimato.

Dentre os nomes acima citados destaca-se o do Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), sem sombra de dúvida o mais importante compositor brasileiro de

seu tempo, que deve ser colocado ao lado de "Aleijadinho" e de Mestre Valentim como um dos mais brilhantes artistas do período colonial e cuja obra tem sobrevivido graças à abnegação de alguns poucos que, desde sua morte, têm trabalhado no sentido do reconhecimento de um conjunto de peças, que é uma das mais importantes contribuições ao patrimônio cultural brasileiro.

Seguindo a trilha aberta por Januário Barbosa e Bento das Mercês no século XIX e continuada por nomes como o Visconde de Taunay, Leopoldo Miguêz, Alberto Nepomuceno e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, chegamos finalmente ao ponto culminante da pesquisa musicológica em torno da figura do Padre José Maurício, com a publicação pela Biblioteca Nacional da biografia do compositor escrita por Cleofe Person de Mattos.

Essa eminente pesquisadora, que foi Professora Titular da Escola de Música da UFRJ, tem sua vida diretamente relacionada ao nome do Padre Mestre há mais de cinquenta anos, sendo referência a todo e qualquer assunto que diga respeito ao compositor. Fundadora da Associação de Canto Coral, com esse conjunto realizou diversas audições de obras de José Maurício e as primeiras gravações no fim dos anos cinquenta, algumas delas únicas até os dias de hoje. Em 1970 fez publicar, sob os auspícios do Conselho Federal de Cultura, o *Catálogo Temático* das obras do Padre José Maurício que continua sendo, vinte e oito anos após sua publicação, modelo para catálogos congêneres de outros compositores. Na década de oitenta dedicou-se, junto à FUNARTE, ao trabalho de edição das principais obras do compositor, trazendo à luz, entre outras, as "Matinas de Natal", o "Ofício 1816", a Abertura "Zemira" e a extraordinária "Missa de Santa Cecília", última obra do compositor, escrita em 1826 em homenagem à padroeira dos músicos.

Agora, no fim dos anos noventa, nos dá aquela que podemos considerar, pela profunda pesquisa e pelo rigor científico, a biografia definitiva do compositor que, vindo juntar-se ao *Catálogo Temático*, praticamente esgota o trabalho de levantamento de informações em fontes primárias.

Resultado final de exaustivas pesquisas em arquivos públicos e de irmandades religiosas, o livro de Cleofe Person de Mattos traça um panorama minucioso não só da vida do compositor e de sua produção artística mas também de um momento histórico fundamental para a formação da nação brasileira, que é o da transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763 até os primeiros anos do Brasil como país independente. Os três períodos em que divide a vida do compositor dão a exata noção das profundas transformações por que passou o Brasil, saindo da subalterna posição de colônia para tornar-se sede do Reino Unido com o exílio da Corte portuguesa a partir de 1808, até a crise financeira e política advinda do processo de Independência.

O primeiro período (1767-1807) aborda as raízes do compositor, sua origem humilde como neto de escravas e sua parcela de raça branca, dizendo a autora que "esse contraste de luz e sombra vai acompanhá-lo por toda a vida". Sua formação intelectual, discípulo de Silva Alvarenga, e como músico levou-o a procurar a religião como única possibilidade de continuar seus estudos e como forma de ascensão social. Ordenado padre, apesar do "defeito da cor" segundo transcrição de documento da época, consegue a almejada nomeação para o cargo de Mestre-de-Capela da Catedral e Sé do Rio de Janeiro, produzindo enorme quantidade de obras que se caracterizam pelo estilo despojado com limitados recursos instrumentais.

O segundo período é aquele que corresponde à permanência da Corte portuguesa no Brasil (1808-1821) quando a vida musical ganha impulso com a chegada de músicos e cantores vindos de Portugal e, posteriormente, da Itália, destacando-se os famosos "castrati" e seus malabarismos vocais. Nesse período a música de José Maurício adapta-se ao gosto dos nobres portugueses, ganha dramaticidade e colorido com a incorporação de um efetivo maior de instrumentos.

O gosto pela ópera italiana cultivado pela Corte, que desde 1813 passou a ter no Real Teatro São João o seu templo, dominou então toda a prática musical, invadindo as igrejas e salões, modificando o estilo da música sacra e a pureza melódica de nossas modinhas. A música sacra sofreu a partir de então uma sensível mudança de estilo, perdendo a sua confida religiosidade, acusando os exibicionismos típicos da música para o teatro lírico.

Falando em modinha, não esqueçamos que José Maurício foi um cultor do gênero e que a presença discreta da inflexão modinheira em algumas de suas composições religiosas é apontada por Cleofe Person de Mattos como uma das primeiras manifestações do nacionalismo musical.

Entre 1808 e 1811 o compositor goza de enorme prestígio entre a Corte, principalmente com D. João VI, não sem manifestações de ordem discriminatória por parte de alguns, principalmente seus superiores e seus colegas portugueses que aos poucos vão ocupando os cargos no coro e na orquestra da recém-criada Capela Real para a qual José Maurício é nomeado Mestre. Cleofe Person de Mattos mostra, através da transcrição de documentos oficiais, o desconforto causado entre os portugueses pelo fato de o principal posto da hierarquia musical ser ocupado por um músico brasileiro mulato que, inicialmente, não comungava com seus pares naquilo que era considerado o bom gosto musical, ou seja, o estilo lírico italiano. A mudança no estilo composicional de José Maurício pode ser considerado a partir desse prisma como uma estratégia de sobrevivência em um meio que vai ficando cada vez mais hostil.

Essa hostilidade torna-se oficial com a chegada e nomeação do compositor Marcos Portugal para o mesmo posto ocupado por José Maurício. Todas as principais

solenidades, aquelas envolvendo a participação da Família Real, passam a ser responsabilidade do compositor português. A José Maurício cabem atividades menores, não condizentes com o cargo que ocupa, e sua atividade musical, a partir desse período, é mais intensa em outras Irmandades e Igrejas da cidade.

Apesar do declínio em sua atividade na Capela Real, não deixa de produzir obras de grande valor, como o extraordinário "Requiem", composto em 1816 e considerado por muitos sua obra-prima, que teve em Cleofe Person de Mattos a responsável por sua primeira gravação, em 1958, em concerto ao vivo no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Essa obra foi editada em 1994 pela Carus-Verlag Stuttgart e, assim como as principais obras de Villa-Lobos, que devem ser compradas na França, e das óperas de Carlos Gomes, cujo material deve ser alugado a uma editora italiana, o "Requiem" de José Maurício, para ser executado em partes editadas, deve ser solicitado na Alemanha.

O último período da vida do Padre José Maurício (1822-1830) é descrito no livro de Cleofe Person de Mattos de maneira pungente. Após o regresso de D. João VI para Portugal e a Independência do Brasil, inicia-se uma fase de decadência na vida musical carioca. Os conjuntos da Capela Imperial são desfeitos e o compositor enfrenta um período de decadência física e econômica, a ponto de fechar o curso gratuito que durante anos manteve em casa e que formou várias gerações de músicos.

Pouco antes de sua morte "em extrema penúria", diz a autora, José Maurício reconhece o primogênito de seus seis filhos com Severiana Rosa de Castro, com quem mantém uma vida paralela à de sacerdote desde 1808. Esse filho primogênito será o Dr. José Maurício Nunes Garcia Júnior, que se tornará uma importante figura da medicina brasileira de seu tempo e compositor e pintor amador, tendo deixado o único retrato feito de seu pai. Esse quadro, o primeiro a retratar um compositor brasileiro, faz parte do acervo da Escola de Música da UFRJ.

A maior coleção de obras do Padre José Maurício Nunes Garcia encontra-se hoje depositada na Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ, tendo sido originalmente o acervo que pertenceu ao arquivista da Capela Imperial, Bento Fernandes das Mercês, que durante anos colecionou manuscritos de obras do compositor, pelo qual tinha enorme admiração. Após sua morte, sua coleção foi comprada pelo governo republicano para o Instituto Nacional de Música (INM) durante a gestão de Leopoldo Miguez que restaurou e fez executar diversas obras. Alberto Nepomuceno, compositor e ex-diretor do INM, e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, bibliotecário e Professor Emérito da Escola de Música da UFRJ, contribuíram também decisivamente para perpetuar o nome e a obra do Padre José Maurício editando artigos e algumas obras.

Com Cleofe Person de Mattos chegamos enfim a um livro que consideramos uma das mais importantes publicações da musicologia histórica brasileira dos últimos

anos. Tendo ainda o complemento de uma discografia e um anexo com ilustrações do Rio antigo e de alguns dos principais personagens abordados, o livro surpreende pela enorme quantidade de notas. Mas isso, antes de ser um pecado, é uma virtude, pois, ao invés de nos depararmos com simples referências bibliográficas ou documentais, encontramos notas que por si só já mereceriam um estudo pormenorizado, em função das informações reveladoras que contêm. São diversas as transcrições de documentos e informações inéditas apresentadas não só acerca de José Maurício, mas também da vida musical do Rio de Janeiro do século XVIII que, como sabemos, é uma das cidades brasileiras, que guardam importantes arquivos, mais atrasadas no campo da pesquisa musicológica. As notas do livro de Cleofe Person de Mattos são o ponto de partida para uma série de novos temas a serem abordados por gerações de futuros musicólogos. Ali qualquer interessado na pesquisa da vida musical carioca do passado encontrará mesa farta.

Só temos a lamentar o fato de o cadastramento de obras, apresentado também como anexo, não vir sob a forma de uma revisão do *Catálogo Temático* publicado em 1970. Afinal muito foi descoberto pela autora no intervalo de vinte e oito anos de sua publicação. Talvez o fato de as obras virem sob a forma de uma simples relação tenha sido uma opção editorial para não dar ao livro um aspecto extremamente técnico com um catálogo que só seria consultado por especialistas, o que difere do caráter de uma biografia.

O hercúleo trabalho de Cleofe Person de Mattos coloca a figura do Padre José Maurício em uma posição privilegiada em relação a outros compositores brasileiros do mesmo período que não tiveram o privilégio de ter um pesquisador exclusivamente dedicado a sua obra. Novos pesquisadores desejosos de abordar a música desse compositor encontrarão o terreno já preparado para estudos musicais feitos diretamente nas obras e que dizem respeito não tanto à acumulação de informações factuais e inventários de acervos e, sim, a estudos analíticos e interpretativos. O trabalho de Cleofe Person de Mattos se completa definitivamente com essa biografia que, publicada pela Biblioteca Nacional, coroa o labor de uma pesquisadora que, sem dúvida, é uma das referências da musicologia brasileira.